José de Mesquita
Da Academia Matogrossense de Letras

AO CONTACTO DA MOCIDADE

Oração proferida a 6 de Setembro de 1936, na sessão inaugural do Grêmio "*José de Mesquita*", de Cuiabá.

Revista de Cultura
Ano X – Num. 119 e 120, Novº e Dezº – 1936
Págs. 252 a 255
Diretor: Pe. Thomas Fontes
Redação: Rua do Catete, 160 – Rio de Janeiro

José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm

AO CONTACTO DA MOCIDADE

(Oração proferida a 6 de Setembro de 1936, na sessão inaugural do Grêmio "José de Mesquita", de Cuiabá)

SENHORES LYCEISTAS:

Quando eu tinha a vossa idade, quer dizer, ha mais de 20 annos atrás, foi-me dado fallar em circunstancia como esta, na instalação de um grêmio literário, que fundávamos, sob a égide prestigiosa do grande poeta do «Caçador de Esmeralda». Lembra-me como se ontem fosse: assim a vida liga os seus dois pólos e reata constantemente os cyclos mágicos de sua eterna espiral para o infinito.

Foi por volta 1907, ali á rua Nova, que organizávamos, um grupo de lyceistas do Gymnasio Salesiano, uma sociedade literária e recreativa, destinada a incentivar a cultura entre os seus agremiados. Fazíamos as reuniões semanalmente, para leitura de trabalhos e troca de idéas, e o nosso grêmio teve como, como soe succeder, sua phase de esplendor, seguida de rápido perecimento, com dispersão dos seus promotores. E quando, princípios de 1909, parti para São Paulo, a fim de prosseguir os estudos, já o grêmio ia esmorecendo os seus ardores iniciaes, não tardando que entrasse em lento collapso, prenuncio do fim. Ephemra crisálida, flor de um dia, que não chegou a dar fruto, o «Grêmio Olavo Bilac» viveu um pouco mais que as clássicas rosas malherbinas, mas ficou assim, na minha imaginação e dos que criávamos, como uma espécie de sonho róseo do adolescer, desses sonhos que todos nós sonhamos na madrugada da vida, e que, mais tarde, ainda nos constituem o encanto das horas crepusculares e outoniças.

Não conheceu o grêmio essa gloria, de durar, que Amadeu Amaral definiu como «uma longa miséria», no seu admirável poema «A estatua e a rosa». Mas ficou sendo para mim — e ahi está porque o evoco neste instante — como o ninho onde, ainda implume, ensaiei os primeiros vôos, e o jardim fechado da illusão e da belleza, em que colhi as flores de minhas primícias literárias . . .

Ao ser convidado para esta tertúlia, com que fundaes mais um centro de letras, mais um sodalício juvenil, forte commoção me sacudiu os nervos, na doce trepidação que vai da Saudade — reflexo merencório do Passado — á Esperança — antevisão radiosa do Porvir.

E se me revejo, qual hoje sois, é porque em vós, meus amiguinhos, rememoro o que outrora fui, quando tinha, com a vossa idade, as vossas illusões.

Um grêmio que se funda, quando se está nessa «primavera vivida . . . dos vinte annos em flor» — e muitos de vós nem sequer chegaram a essa quadra, ficando ainda na anteveranica sazão — uma academia de moços que se organiza, é bem uma colméia ruidosa e vivaz que póde não produzir o mel olympico do Hymeto, mas trará para sempre aos seus fundadores, pela. vida em fóra, aquelloutro mel suavissimo da perenne recordação dum noivado, a remembrança dos idyllicos esponsaes com a arte.

Estou na idade em que a razão prepondera fortemente sobre todas as faculdades ideativas. Não posso, não devo e não quero empregar aqui tropos de oratória, que são recursos pyrotechnicos muito bonitos, mas phantasiosos.

A linguagem da sinceridade ainda é a melhor, porque della usam os que amam e os que se revoltam — é clara que me refiro ás santas revoltas do Bem contra a torpeza e da Justiça contra a iniqüidade.

É nesse idioma, portanto, que vos quero falar e estou certo que bem me comprehendereis, pois a própria sabedoria clássica já dizia que a Verdade vive no coração e na bôca dos moços, e que a mocidade é a época em que se não sabe mentir.

O vosso Grêmio não se destina, naturalmente, a uma grandiosa finalidade. Modesto e simples, elle tem nisso mesmo o seu maior titulo de ufania. Nem pretenderá uma dessas longevidades acadêmicas, que resistem na sua dura ao próprio transcurso dos séculos. Mas no seu ephemero, elle será para vós eterno. Fareis delle, mais tarde, o oásis de vossa esperança, quando palmilhardes os saharas inhospitos da existência. Nelle tereis, um dia, o relicário de vossos ideaes, quando, volvendo os olhos para o estirão palmilhado, antes da curva que dá para o desconhecido, virdes neste Grêmio a vossa primeira floração de verdadeira e límpida espiritualidade. Isso é o que vos posso assegurar, chan e lisamente, porque o digo com esse «saber só de experiência feito», que os meus quarenta annos me deram. A vida começa aos quarenta — affirma Pitkin. Não. A Vida começa na vossa idade, que é menos da metade dos quarenta. A experiência da vida, o pleno gosto de viver, o sabor integral da existência é que se adquire depois dos quarenta. Viver é amar e comprehender. E nós começamos a amar muito cedo, embora somente muito tarde nos venha a perfeita e inteira comprehensão . . .

Meus jovens confrades: Não sei porque, e já o indaguei de mim mesmo, com esse acurado *selfcontrol* que ponho nos meus exames de consciência, não sei porque, havendo tantos nomes mais no caso de patronizar o vosso incipiente cenáculo, fostes buscar o deste vosso conterrâneo, que ora tem a honra de agradecer, sorpreso e satisfeito, tão alta distincção. Não digo bem, quando affirmo que não sei porque assim procedestes. De certa maneira julgo presumir o vosso intento, filho da Bondade, que é um attributo immanente dos moços. Vós buscastes em

mim apenas aquillo que eu represento — a Academia Mattogrossense de Letras. Deve ser isso, incontestavelmente. Ainda assim, meus amiguinhos, quão elevado me sinto patrocinando o vosso grêmio, com o meu nome de obscuro mas constante lutador dos prélios literários. Ser patrono vivo de um grêmio de moços, é tão expressivo, tão dignificante e tão desvanecedor, que, se eu fosse susceptivel dessa cousa feia e ridícula que é a vaidade, me sentiria desta, vez envaidecido. Não me envaideço, mas me orgulho.

E agradecendo-vos, de coração nas mãos e alma ajoelhada, quero dizer-vos, ao encerrar esta oração de fé e de esperança, que vós — Ó moços de hoje e cidadãos de amanhã, sois o «sal da terra» de que fala a Escriptura e de vós, da vossa dedicação, do vosso civismo, da vossa cultura é que depende essa incógnita que é o porvir do nosso Estado.

Perseverae nas vossas resoluções, trabalhae a prol do vosso desenvolvimento mental, que assim estaes prestando, não a vos, mas á nossa terra, o maior dos serviços.

Que o vosso Grêmio seja uma coordenada maravilhosa de energias e de enthusiasmos juvenis e, ao mesmo tempo, o centro irradiador de novos surtos, a flamma santa propagadora de luz e calor a todos que delle se acercarem.

O Brasil de agora, meus amiguinhos, precisa mais do que o Brasil do meu tempo de moço, de acção conjugada dos seus hoplitas para ganhar a sua marathona tremenda. Parti para Salamini, ó jovens, e que Deus vos acompanhe, na jornada fecunda e bemdita!

José de Mesquita.